

# O PRIMEIRO MODERNISMO PORTUGUÊS E A/NA GALIZA (1915): UM CAMINHO (IM)POSSÍVEL

Carlos Pazos

UNIVERSIDADE DO MINHO, GRUPO GALABRA (USC)

DESCREVER E ANALISAR OS VÍNCULOS QUE OS PRIMEIROS MODERNISTAS PORTUGUESES TENTARAM ESTABELECER ALÉM DAS FRONTEIRAS PORTUGUESAS DEVERIA SER, aparentemente, tarefa fácil, pois o *Orpheu*, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, etc. foram objecto de atenção em numerosíssimos estudos tanto em Portugal como no estrangeiro<sup>[1]</sup>. Ora, na prática, a profusão de estudos, críticas, homenagens, etc., onde os órficos foram os protagonistas, dificulta, em parte, o nosso labor. Fernando Pessoa, nomeadamente, desde a década de 30 do século passado, *grosso modo*, tem conseguido atrair com verdadeira intensidade a atenção de meios académicos, jornalísticos e outros, obscurecendo, em nossa opinião, outros produtores ligados ao primeiro modernismo português<sup>[2]</sup>, o que dificulta igualmente uma aproximação mais distante dos acontecimentos literários de 1915 e dos anos seguintes no que diz respeito ao Grupo do *Orpheu*.

41

O PRIMEIRO  
MODERNISMO  
PORTUGUÊS  
E A/NA GALIZA  
(1915): UM CAMINHO  
(IM)POSSÍVEL

Carlos Pazos

<sup>1</sup> A extensa bibliografia organizada por José Blanco é um claro exemplo (cfr. Blanco, 2008a, 2008b). De resto, uma simples procura na rede com, por exemplo, as palavras “Fernando Pessoa” pode ser bastante elucidativa.

<sup>2</sup> No relativo à etiqueta *primeiro modernismo português* seguimos Aguiar e Silva, 1995.

Por outro lado, e no que diz respeito à Galiza, os estudos sobre o fenómeno literário para a época aqui convocada não têm resistido de um modo geral, como indicou Xoán González-Millán, a certas inéncias próprias das histórias literárias assim como às leituras ideológicas (González-Millán, 1995)<sup>[3]</sup>, limitando, na prática, o conhecimento efectivo sobre o campo literário da altura.

### **Modernistas e campo literário português, 1915**

Uma ferramenta útil para conhecer o estado do campo literário português à volta de 1915 é o *Inquérito literário* de Boavida Portugal publicado nesse mesmo ano (cfr., por exemplo, Torres, 2007 e Leone, 2005)<sup>[4]</sup>. O volume, fruto do inquérito lançado pelo mesmo autor nas páginas do jornal *República* a partir de finais de 1912, é expressão interessada<sup>[5]</sup>, entre outras coisas, das mudanças que se verificam no campo literário e noutras nesta década com a instauração da I República. Uma das mudanças mais salientáveis, explícita no *Inquérito literário*, é a oposição entre “os velhos” e “os novos” (cfr. Leone, 2005: 39; Aguiar e Silva, 1995: 144). Dentre “os velhos” destacam Adolfo Coelho, Gonçalves Viana ou Júlio de Matos; em frente, nomeadamente, Teixeira de Pascoaes (cfr. Torres, 2007: 350). Com efeito, o *Inquérito literário* é expressão da emergência da Renascença Portuguesa, com Teixeira de Pascoaes à frente. Apesar do silêncio, provavelmente propositado, de Fidelino de Figueiredo na 1.ª edição de *Características da Litteratura portuguesa* nesse mesmo ano de

<sup>3</sup> González-Millán, junto à presença de “determinados presupostos ideológicos” assinalava no já longínquo 1995:

A bibliografía sobre a situación da cultura galega no primeiro tercio deste século, especialmente a referida ás Irmandades da Fala e ao Grupo Nós, segue reproducindo os esquemas propios dos manuais de historiografía literaria: exercicios biográficos de autores cunha produción intelectual relevante (Castelao, Otero Pedrayo, Risco ou Cabanillas) nun escenario repleto de figuras menores, e dúas publicacións periódicas, *A Nosa Terra* e *Nós*, que acaparan o espacio da produción cultural galeguista (González-Millán, 1995: 13).

<sup>4</sup> Este e outros assuntos do presente trabalho já foram abordados lateralmente em Pazos, 2010.

<sup>5</sup> A filiação republicana de compilador e compilação ficou expressa na introdução (Portugal, 1915: 5 e 7).

1915, ou dos ataques frontais de Júlio de Matos<sup>[6]</sup>, a associação fundada no Porto em 1912, com *A Águia* como órgão de expressão, conseguirá notabilizar-se e adquirir uma posição relevante no campo literário português<sup>[7]</sup>. Aliada à emergência da Renascença Portuguesa, a década de 10 caracteriza-se pela centralidade da poesia “*como género literário privilegiado*”, a secundarização do teatro e a importante presença de produtores já falecidos como Eça de Queirós, Antero de Quental ou António Nobre (Torres, 2007: 350-351; itálicos no original)<sup>[8]</sup>.

<sup>6</sup> Por exemplo:

- Ora, em que se baseia essa renascença? na saudade? Mas isso pôde lá ser! A saudade é, por sua natureza, um sentimento depressivo. A saudade é a recordação de uma pessoa querida que nos faltou. Cultivar a saudade é amarrar-se ao passado, é alimentar um estado mórbido, é ajudar a definhar mais a raça (Júlio de Matos *apud* Portugal, 1915: 18).

<sup>7</sup> Da vitalidade da Renascença dá notícia a tiragem média de 1800 exemplares da revista ou os 250 livros publicados entre 1912 e 1924 (cfr. Torres, 2007: 349). Por outro lado, já em 1923, na 3.<sup>a</sup> edição de *Características da Litteratura portuguesa*, Fidelino de Figueiredo acrescenta:

Este mysticismo [o de Oliveira Martins] não morreu, muito pelo contrário, revela-se com intensidade apreciável na litteratura contemporânea, principalmente na poesia, que reclamando-se de pantheísmo, de saudosismo e de philosophismo, é um inilludivel testemunho da desordem de muitos espíritos, da sua confusão, da suspensão das suas idéas em vagas expressões *litterarias*. O mysticismo repugna a critica, porque a crítica é analyse e investigação de valores, e elle confina-se na synthese leviana e na apologia encomiastica; o mysticismo, assim confuso e superficial, tambem não cultiva a sinceridade –essa grande virtude moral, intellectual e cívica –porque a sinceridade é a sua própria condenação (Figueiredo, 1923: 49-50; itálico no original).

<sup>8</sup> Para caracterizar o campo literário português no primeiro quartel do séc. XX, José Carlos Seabra Pereira utiliza a expressiva etiqueta “tempo neo-romântico” (Pereira, 1983). Este “tempo neo-romântico” apresenta as seguintes características: presença do moralismo, da sinceridade do poeta, do “discurso torrencial e a poética da sobreabundância emotiva”, reaparece o “mito do poeta inspirado e vate” verificando-se também uma acentuada “exaltação nacional”. Todavia, dentro das margens do neo-romantismo, Seabra Pereira detecta e descreve três correntes: o “neo-romantismo vitalista”, o “neo-romantismo saudosista” e o “neo-romantismo lusitanista” (vinculado ao Integralismo Lusitano), relacionando directamente a Renascença Portuguesa com o que denomina “Neo-romantismo saudosista” (Pereira, 1983: 849).

Neste quadro, e com raízes n'A *Águia*, uma nova tomada de posição começa a tomar forma no panorama literário português: o primeiro modernismo português do denominado Grupo do *Orpheu*. A primeira tomada de posição dentro do campo literário vem a público com o aparecimento da revista *Renaissance* (Fevereiro de 1914; número único), onde Fernando Pessoa intervém com o poema “Pauis”, que dará lugar a um dos *ismos* pessoanos, o *paulismo*; segundo Nuno Júdice (entre outros), significa o “nascimento da ruptura formal do Modernismo relativamente à literatura da época” (Júdice, 1986: 34). Ultrapassada a tentativa de publicação de uma revista interseccionista intitulada *Europa* (cfr. Lourenço, 2003: XIX), e gorado o projecto de uma “Antologia do Interseccionismo” (cfr. Júdice, 1986: 47), a seguinte tomada de posição, surgirá a 26 de Março de 1915 com a chegada às bancas do primeiro número da revista *Orpheu*. A polémica derivada da intervenção modernista foi notória<sup>[9]</sup>. Na realidade, as críticas surgiriam quase de imediato desde diferentes posições. Assim, por exemplo, Júlio de Matos:

44

DIÁLOGOS  
IBÉRICOS SOBRE  
A MODERNIDADE

A sua obra, consideram-na esses supostos literatos, uma coisa de rara beleza absolutamente nova. No fundo, porém, é tudo velho, como podem dizê-lo os psiquiatras que no *Orpheu* têm abundante matéria de estudo.

E mais à frente:

Ocupando-se, há quinze anos, dos *Pintores e Poetas de Rilhafoles*, Júlio Dantas fornecia-nos já todas as características do estado mental desses moços literatos que hoje aí surgem arvorando o *Orpheu* como estandarte. A cronomilia, o símbolo, a alegoria, o neologismo, o egocentrismo, a autofilia (Júlio de Matos *apud* Júdice, 1986: 61; itálicos no original).

Nestas e noutras intervenções fica patente a equação *modernistas* igual a *loucos* (cfr. Aguiar e Silva, 1995: 145), tese que em grande medida triunfou no campo cultural da altura<sup>[10]</sup>. Pouco depois, a polémica

<sup>9</sup> Júlio Dantas, futuro protagonista do famoso manifesto de Almada Negreiros, chega mesmo a questionar a excessiva atenção dada pela imprensa na *Ilustração Portuguesa* (19/05/1915) (Júdice, 1986: 84; cfr. Sáez, 2000: 54 e ss.).

<sup>10</sup> E talvez continue a funcionar se repararmos na bibliografia pessoana de José Blanco. No vol. II são numerosas as epígrafes relacionadas com questões mentais

intensifica-se à volta da publicação do 2.º número da revista e, nomeadamente, a partir das ironias de Álvaro de Campos sobre o acidente que Afonso Costa tinha sofrido a 3 de Julho ou dos sarcasmos de um panfleto distribuído por Raul Leal esse mesmo dia visando o mais influente político português da altura, novamente Afonso Costa. Segundo Nuno Júdice, Raul Leal e Fernando Pessoa “vão desencadear a fúria da República” (Júdice, 1986: 105), fragilizando ainda mais a posição dos modernistas.

Com este panorama, apesar dos esforços de Fernando Pessoa, o número 3 de *Orpheu*, não chega a publicar-se<sup>[11]</sup>. Neste sentido, as dificuldades que Fernando Pessoa e o grupo enfrentarão para levar adiante os numerosos projectos ideados têm como consequência o apagamento (por volta de 1918) do primeiro surto modernista (lembre-se o suicídio de Sá-Carneiro em 1916) (cfr. Lourenço, 2003: XXV). Tal apagamento é expressão e resultado de, por um lado, as fraquezas do grupo, fortemente debilitado a partir de 1916, mas também de um estado do campo literário contrário a estas tomadas de posição, ao qual não é alheia a posição de muitos dos produtores envolvidos em *Orpheu* no campo político<sup>[12]</sup>. De facto, os modernistas de *Orpheu*, passada a inicial polémica, especialmente jornalística, cairão no esquecimento. Assim, por exemplo: Fidelino de Figueiredo nem na 1.ª nem na 3.ª edição de *Características da litteratura portuguesa* refere o Grupo do *Orpheu* directamente<sup>[13]</sup>; por outro lado, José-Augusto França fornece

---

ou médicas: “Análises psicanalíticas”, “Análises psiquiátricas”, e dentro destas, por exemplo, “Esquizofrenia”, “Loucura” (esta com 41 referências), “Paranóia”, etc. (Blanco, 2008b: 17-18).

<sup>11</sup> Contudo, membros do Grupo de *Orpheu* intervirão ainda, meses mais tarde, em *Exílio* (Abril de 1916, número único), revista dirigida por Augusto de Santa-Rita ou *Centauro* (Outubro de 1916, número único) dirigida por Luís de Montalvor, inclusive em *Portugal Futurista* (1917, número único e apreendido pela polícia).

<sup>12</sup> A trajectória política de muitos dos agentes implicados no primeiro modernismo português caracteriza-se por uma certa ambiguidade política em ocasiões e, noutras, numa aberta hostilização do regime republicano (nomeadamente o dos democráticos de Afonso Costa); lembre-se que vários dos produtores implicados em *Orpheu*, por exemplo, colaboraram na revista monárquica *A Ideia Nacional*.

<sup>13</sup> No entanto, Fidelino de Figueiredo no meio do já citado ataque directo aos “novos”, nomeadamente à Renascença Portuguesa, cita também na mesma linha pejorativa o “nascimento dum super-Camões”, que expressa, entre outras coisas, entendemos,

um dado que, em grande medida (apesar das reservas necessárias), ilustra este esquecimento: em 1928, o jornal *ABC* publica uma “lista dos doze autores portugueses mais popularizados” entre os quais não se encontra o nome de nenhum dos produtores envolvidos no primeiro modernismo português (França, 1983: 823; cfr. nota 1). Haverá que esperar pela *Presença* ou por António Ferro, Secretário Nacional de Propaganda, por exemplo, para o início da canonização dos modernistas, ou pelo menos de alguns deles. Enfim, como afirma Elias Torres, os modernistas do *Orpheu* no campo literário português de 1915 “eram considerados polo geral representantes dumha rapazidada, para alguns carne de psiquiatra, a quem poucos ligavam e menos levavam a sério. A *Orpheu* só sairia em Março de 1915, reforçando nos seus críticos a necessidade de atenção médica” (Torres, 2007: 351-352).

## A Galiza, campo literário e relações com Portugal, 1915

46

DIÁLOGOS  
IBÉRICOS SOBRE  
A MODERNIDADE

Na Galiza, por seu turno, a implementação do plano cultural (e político) elaborado pelos agentes galeguistas da segunda metade do século XIX (Manuel Murguia, Rosalia de Castro, Eduardo Pondal, etc.) é tarefa de difícil execução. Assim, no período que vai de 1910 até 1916 (ano do surgimento das Irmandades da Fala), período pouco fecundo para o galeguismo político, o emergente sistema literário galego não vai contar com instituições próprias nem com grupos mais ou menos coesos. Alguns produtores, no entanto, intervêm, por exemplo, na revista *Vida Gallega*, adscrita ao regionalismo moderado, que, surgida em 1909, funcionará dentro do campo como defensora da tese regionalista<sup>[14]</sup>. Neste quadro, a trajectória literária de Ramón Cabanillas<sup>[15]</sup> pode

---

como em 1923, para o autor, os modernistas do *Orpheu* não tinham alcançado uma posição delimitada e afastada dos outros “novos”, neste caso os da Renascença Portuguesa (Figueiredo, 1923: 50).

<sup>[14]</sup> Já no primeiro número o seu director, Jaime Solá, afirmava: “Gallegos somos y amamos sobre todas las cosas a la tierra gallega; pero fuimos siempre, somos y queremos ser españoles” (*apud* Vilavedra, 1997: s.v. “Vida Gallega”).

<sup>[15]</sup> Ramón Cabanillas (1876-1959), prolífico autor galego ligado nos primeiros anos ao *agrarianismo* mas também ao regionalismo, com o que entraria em contacto no enclave galego de Havana, passaria a ser conhecido como o *Poeta da Raça*.

exemplificar, entendemos, as tomadas de posição no emergente campo literário. Comummente, a sua produção é adjetivada como *agrarista*<sup>[16]</sup> até à sua vinculação com o programa ideológico das Irmandades da Fala (cfr. Vilavedra, 1999: 157; Tarrío, 1994: 194-195)<sup>[17]</sup>. De facto, o seu primeiro livro de poemas publicado, *No desterro* (1913), tinha sido prefaciado pelo agente do agrarismo Basilio Álvarez. Por outra parte, os repertórios utilizados conferem-lhe a “centralidade” ao “elemento folclorizante” (Torres, 2010: 163), isto é, privilegiavam-se temáticas, no essencial, do mundo rural e de costumes a ele associados, reincidindo nas propostas repertoriais dos produtores galegos do século XIX vinculados ao Regionalismo<sup>[18]</sup>.

No que concerne às relações galego-portuguesas, como indicou Ramón Villares, é notório que, de um modo geral, são menos intensas quando o galeguismo passa por momentos de menor actividade (cfr. Villares, 1983: 303). Este, o máximo interessado na vinculação a Portugal no espaço social galego<sup>[19]</sup>, não tem capacidade organizativa

<sup>16</sup> Como *agrarismo* galego das primeiras décadas do século XX entende-se:

complexo movemento que tenta mobilizar un grupo social, como era o campesiñado, que ata aquela non atopara unha expresión propia dos seus intereses, con vistas [...] a obtención das condicións que fagan factíbel a sobrevivencia da pequena explotación familiar no marco dunha economía capitalista [...], e a articulación política dos intereses do campesiñado parcelario galego, ata polo en pé de igualdade cos doutros complexos agrarios existentes no Estado español e cos doutros grupos sociais (Cabo, 1998: 11).

<sup>17</sup> As dúvidas que os manuais de literatura galega apresentam ao classificar (e denominar) este período são bastante elucidativas (cfr. Méndez, 1990: 31; Tarrío, 1994: 192; e Vilavedra, 1999: 150).

<sup>18</sup> Ainda em 1926 um dos agentes do galeguismo se manifestava nestes termos na revista *Nós*:

Alguén pretende que a novela galega teña un marcado celme rural, un arrecendo a terras bravas remexidas pol-o legón, ou pol-as gueifas do arado, á braveza do toxo, á estrume. ¿E por qué non ha poder sere delicada como unha fror de pazo señoril? ¿Ou por qué non há de nos amostrarre a vida que hoxe boliga nas nosas vilas e cidades (Leandro Carré *apud* Vilavedra: 1999: 167).

<sup>19</sup> Com origens na segunda metade do século XIX e paralelo à *redescoberta* da Galiza por parte de alguns agentes portugueses (Teófilo Braga, Alexandre Herculano, Leite de Vasconcelos ou Oliveira Martins) (cfr. Cunha, 2007: 16; Torres, 1999), na Galiza, agentes vinculados ao galeguismo, vão recorrer a Portugal como um elemento central, legitimador das suas tomadas de posição. Eduardo Pondal, Benito Vicetto

nem instrumentos para a implementação dos seus planos. O relacionamento com Portugal será protagonizado, sintomaticamente, por Jaime Solá e *Vida Gallega*, nomeadamente pelas suas relações com o enclave galego de Lisboa (cfr. Torres, 2010: 168-9). Segundo Elias Torres:

Frente à normalidade portuguesa, a elaboração dum sistema literário galego é paralela à evidência de uma formulação explícita de autonomia política, nos seus diversos graus até à independência. Não é possível explicar esse processo nem as relações culturais galego-lusas, se esquecermos o funcionamento permanentemente político dessa relação, sobretudo por parte galeguista, e o carácter de *locus privilegiado* que a expressão literária e cultural tem em casos em que a política está interdita ou é pouco rendível (*id.*: 163; itálicos no original).

## Ecos órficos na Galiza

48

DIÁLOGOS  
IBÉRICOS SOBRE  
A MODERNIDADE

Esboçado o estado dos campos em questão, convém ainda referir o interesse do Grupo do *Orpheu* em dar a conhecer a sua tomada de posição no âmbito peninsular (cfr. Sáez, 2000: 88-95). Neste sentido, do vasto espólio pessoano uma folha manuscrita publicada por Isabel Murteira França apresenta-se como uma pista inelidível. Aparentemente, dá notícia dos nomes e endereços dos destinatários para efeitos de difusão da revista:

Tres o cuatro juicios / Jesús Cano – ‘La Concordia’ – Vigo (Camarada [?]) / 1 D. Miguel de Unamuno – Salamanca / (26/3/1915) / 2 Gabriel Alomar – Palma de Mallorca / 3 Eugenio D’Ors – ‘Institut d’Estudis Catalans’ – Barcelona / 4 Aurelio Rás – Director ‘Estudio’ Barcelona / 5 Alejandro Plana (Crítico) ‘Ateneo Barcelonés’ Barcelona / (g) José M<sup>a</sup>. Jordá – ‘Noticiero Universal’ Barcelona / (g) Claudio Ametlla – Secretario General de la ‘Casa de América’ Barcelona / (g) José Junoy ‘Ateneo Barcelonés’ Barcelona / (g)

---

e especialmente o historiador Manuel Murguia incorporarão Portugal no discurso inaugural do galeguismo (cfr. Villares, 1983: 305; Vázquez, 1995: 15). Isto irá implicar o surgimento de um espaço propício para o relacionamento, especialmente cultural/literário (fértil até 1936), que provisoriamente denominamos sistema interliterário galego-português.

M. de Montoliu (Crítico) ‘Ateneo Barcelonés’ Barcelona / 6 Dr. Juan Barcia Caballero Catedrático de la Universidad de Santiago de Compostela / (g) Ramón Rucabado (Crítico), Rua Landers, 5, 1º Barcelona (*apud* França Murteira, 1987: 169)<sup>[20]</sup>.

Destaca-se ainda o facto de a folha ser do “Restaurant ‘Irmãos Unidos’ – Antonio V. Guisado”. Este, o proprietário, era o pai de um dos membros iniciais do Grupo, Alfredo Pedro Guisado<sup>[21]</sup>. Junto a isto, a frase inicial “Tres o cuatro juicios” em perfeito castelhano assinalam hipoteticamente Alfredo Guisado como o autor material do texto ou um dos participantes na sua redacção<sup>[22]</sup>. Em todo o caso, tudo parece indicar que a origem deste plano de difusão, senão todo ele, teria como base os contactos feitos por Mário de Sá-Carneiro na sua visita a Barcelona (cfr. Sáez, 2000: 80 e ss.) e, pelo menos no relativo a Jesus Cano e Juan Barcia Caballero, a rede de relações que Alfredo Guisado teria na Galiza<sup>[23]</sup>.

49

<sup>20</sup> Nesta transcrição, a partir da imagem recolhida na obra citada, tentámos representar, sempre que possível, as marcas gráficas que achámos significativas.

<sup>21</sup> O restaurante Irmãos Unidos, como se sabe, foi um dos locais de encontro dos membros do Grupo. A caixa do restaurante, aberta ou sigilosamente, sufragou parte das iniciativas do Grupo (cfr., por exemplo, Sá-Carneiro *apud* Silva, 2001: 247).

<sup>22</sup> Alfredo Guisado, filho de emigrantes galegos em Lisboa, manteve desde cedo uma vinculação muito estreita com a Galiza; resumidamente: com o enclave galego de Lisboa, com o agrarismo metropolitano e, a partir de 1918, com o nacionalismo galego. Como colaborador habitual do semanário agrarista *El Tea* de Ponte-Areas (terra da origem familiar), tinha assinado antes de 1915 numerosos artigos de variado assunto em castelhano. Por outro lado, é notório que as constantes visitas familiares à Galiza, assim como a proximidade do Gran Hotel Balneario de Mondariz, importante centro social e cultural na altura, significaram uma oportunidade relevante de acesso a uma ampla rede de relações para o jovem Alfredo Guisado (cfr. Pazos, 2010).

<sup>23</sup> O primeiro, presumivelmente, trabalhava em *La Concordia* de Vigo, o centro urbano mais próximo da terra de origem familiar. O segundo, Barcia Caballero, será convocado em 1921 por Alfredo Guisado como um dos continuadores de Rosalia de Castro:

Rosalía foi a Rainha de cujo séquito ficaram vários nomes: Curros Enríquez, Eduardo Pardal, Añón, *Barcia Caballero*, Aureliano Pereira, Lozada, Rodriguez Gonzalez e muitos outros em cujos corações se embalou o Passado (Guisado, 1921; itálicos nossos).

O PRIMEIRO  
MODERNISMO  
PORTUGUÊS  
E A/NA GALIZA  
(1915): UM CAMINHO  
(IM)POSSÍVEL

Carlos Pazos

Ora, interessa notar que dos resultados que este plano teve, assumindo que o manuscrito fosse um elemento importante do mesmo, apenas temos conhecimento de dois resultados positivos, ambos na Galiza (cfr. Molina, 1990: 69-71; Sáez, 2000: 92). Em Abril de 1915, Juan Barcia Caballero em *El Eco de Santiago* recebe assim a revista *Orpheu*:

Acompañado de atenta y cariñosa carta recibí el primer número de esta *Revista*, que nace según propia confesión para ser órgano y eco de la nueva generación literaria de la vecina República.

Muchas veces tengo pensado de que dependerá el aislamiento y divorcio espiritual en que vivimos portugueses y españoles; y nunca supe darme cuenta del porqué. Entre nosotros son más o menos conocidas las literaturas extranjeras –y al hablar de literaturas no quiero referirme a las *literarias* meramente, sino también a las *científicas*–: de Portugal casi no sabemos nada. Apenas si uno o dos nombres suenan más que como portugueses como mundiales.

Sospecho que lo mismo ocurre por allá respecto de España. Por mi parte puedo asegurar, que mientras sostengo correspondencia con algunos sabios y literatos de varias naciones, es esta la vez primera que recibo el saludo de un literato portugués. Muchas de mis cosas fueron traducidas al francés, al inglés, al alemán –al alemán sobre todo– y alguna al ruso; acerca de Portugal solo sé por referencia que mi ‘Arco d'a vella’ figura en una antología portuguesa con una encomiástica nota. Aunque solamente, pues, sea por eso, por establecer corrientes de simpatía y de unión entre los intelectuales de ambos pueblos– pretensión que también declara paladianamente el nuevo periódico –bien venido sea y en buena hora llegue.

Até aqui, o destinatário da missiva dos modernistas (muito provavelmente Alfredo Guisado) regista o desconhecimento, mútuo, segundo ele, no relativo à literatura entre espanhóis e portugueses e pouco mais.

Por de pronto no se le puede negar originalidad: la cubierta y la presentación son de lo más nuevo e inusitado. Y no lo es menos el texto: sus redactores, seguramente jóvenes y por lo tanto valientes y arriscados, se confiesan francamente modernistas y dispuestos a romper los viejos moldes y las tradiciones rutinarias. Y a fe que lo hacen como lo dicen: todo es nuevo allí, la forma, la manera, la métrica y el asunto. Algunos de los trabajos son

verdaderamente extraordinarios, sobre todo por eso, por ser cosa fuera de lo usado y corriente. Haylos también casi incomprensibles: tales son ellos de alambicados *y febres* –término muy usado por sus autores.

En general sobresalen los trabajos en prosa. Creo que en primer lugar debe citarse *O marinheiro*, de Fernando Pessoa. Aunque sutil y quintaesencia en demasía, tiene verdaderos atisbos de genio y atrae fuertemente a toda alma soñadora y filosófica. Puede ser base de una reputación entera. Entre los *Frizos* de Almada-Negreiros hay algunos verdaderamente primoroso: el titulado *O Echo* y que refiere muy galanamente los primeros celos de Eva, es una joya de filigrana.

También entre los versos los hay muy apreciables, por más que en general adolecen de la *mania modernista* en cuanto a la medida sobre todo. No es que yo por ser viejo ya, esté tan apegado a ello que no transija con nada de lo moderno; sino que creo firmemente que la exageración es condonable siempre. No hay que olvidar el prudente proverbio: “Todo lo exagerado es insignificante”. La *Ode Triunfal*, es enteramente un colmo, un caso fulminante de *cubismo literario*.

51

E conclui:

Complázcome de nuevo en saludar cordialmente a los noveles escritores y felicitarles por sus arrestos y Buenos propósitos; y si los años y el oficio de tratar con jóvenes casi toda mi vida con ser ya bastante larga, me autorizan para ello, me permito aconsejarles que sin dejar de mirar para adelante como siempre debe hacerse, no olviden del todo a lo que van dejando atrás: también allí hay cosas buenas (Barcia, 1915; itálicos no original).

Juan Barcia Caballero (com perto de 63 anos na altura), médico de profissão e autor de vários produtos literários de repertórios conservadores, estava de alguma forma vinculado ao regionalismo moderado desde finais do século XIX (cfr. Vilavedra, 1995: s. v. “Barcia Caballero, Juan”). A sua crítica não poderia, com certeza, deixar de transparecer certa confusão de conceitos (“*mania modernista*”, “*cubismo literário*”), assinalar a novidade de *Orpheu* e, com a amabilidade a que porventura a proximidade do emissor da missiva obrigava, recomendar os repertórios literários precedentes. Não era, pois, este o interlocutor a que o Grupo do *Orpheu* provavelmente aspirava.

O PRIMEIRO  
MODERNISMO  
PORTUGUÊS  
E A/NA GALIZA  
(1915): UM CAMINHO  
(IM)POSSÍVEL

Carlos Pazos

Na mesma altura, aproximadamente um mês mais tarde, provavelmente no jornal viguês *La Concordia*<sup>[24]</sup>, Jesús Cano afirmava:

Todo el brío, toda la fuerza impulsiva de la juventud intelectual portuguesa, ha dejado su bridaje suelto en el galopar de sus nobles ansias, de sus altos anhelos, haciéndose paso por un campo florido sembrado con sus propias ensoñadoras aspiraciones y que se llama *Orpheu*.

Esta revista que algunos han motejado de futurista, no es sino lo contrario de lo que a ese dictado se le quiere hacer significar. Claro está que para jóvenes que sueñan y tienen empeñadas sus almas por celajes de deslumbrador ideal, todo propósito de arte es un marcado *futurismo*. No ya atendiendo al valor de la frase en modernización sino a su estricta equivalencia gramatical.

Se nos antoja que por envolver la idea de esos muchachos –entre ellos algunos ya de significado prestigio literario– en la atmósfera de opio que emana de esa escuela que han dado en llamar *futurista* y para su befa y rebajamiento, calificaron la revista *Orpheu* con ese mote.

La obra de *Orpheu* es ya una realización.

La revista llegó a mis manos y en el primer momento, al observar el detalle modernista de la portada, me creí también ante un fraude escandaloso del buen gusto y la pureza armónica nacida de toda concepción hecha con el aliento de unos pechos jóvenes. Pero, abierto el libro, vi en él que todo era Mayo y el perfume de una floración impoluta y trascendente salía de aquellas bien pergeñadas páginas.

Toda la juventud lusitana está en *Orpheu*, pero toda esa juventud que en algunos pueblos no hay y su ausencia deja notar el más triste yermo de ideal; y por lo tanto de alma, de vida.

---

<sup>24</sup> César Antonio Molina, segundo a informação manejada, é quem primeiro dá notícia destes dois textos. Localiza a publicação do artigo de Jesús Cano, a partir de informações que a Prof.<sup>a</sup> Maria Fernanda Abreu lhe fornece, na publicação lisboeta *O Século Cómico*, o que, por vários motivos, parece de todo impossível (cfr. Molina, 1990: 69-70). Maria Fernanda Abreu, amavelmente, via correio electrónico, esclareceu o equívoco ao associar a data e local de publicação atribuído por César Antonio Molina a outro texto do espólio de Mário de Sá-Carneiro. Deste modo, tudo parece indicar que o artigo de Jesús Cano foi publicado, na direcção apontada na nota dos *órficos*, em *La Concordia*. Este jornal viguês vinculado ao agrarismo, e do qual hoje apenas se conservam alguns exemplares (cfr. Vilavedra, 1997: s. v. “Concordia, La”), seria um órgão de expressão perfeitamente acessível para o Alfredo Guisado *agrarista*.

Luís de Montalvor, director de *Orpheu*, traza concisamente en el prólogo de la obra de esta revista, su programa. Que es enaltecerlo todo: hermanar las cumbres; concertar el abrazo de Portugal, América y España; pero de ellas ensalzar sólo las plantas pujantes de firme y recia raíz. Sobre esto que es el punto trascendental de *Orpheu* y en el cual el cronista por ver reflejado un rayo lunar de sus ensoñaciones, presta predilección y entusiasmo.

De los trabajos que ponen en la simpática revista hálitos de conciencia literaria, podríamos hablar largamente.

Entre ellos hay un poeta colocado frente a un horizonte luminoso y radiante: Alfredo Pedro Guisado (Jesús Cano *apud* Molina, 1990: 119; itálicos no original).

Como no texto de Barcia Caballero, os termos literários parecem usados sem muita pericia; aliás, o *modernismo* citado nos dois casos haveria que adscrevê-lo ao sistema literário espanhol e não ao português. Destacam-se, por outra parte, as alusões que o autor faz à “befa y rebajamiento” que os *órficos* teriam sofrido, patenteando assim que o autor estava a par das polémicas lisboetas em redor de *Orpheu*. Por último, cabe ressaltar o destaque que Jesús Cano outorga a Alfredo Guisado (de “horizonte luminoso y radiante”), alicerçando assim a tese do Alfredo Guisado como intermediário necessário do Grupo na Galiza.

Todavia, nem Barcia Caballero nem Jesús Cano são os primeiros a mencionar o Grupo do *Orpheu*. Meses antes, em *Vida Gallega*, Alejo Carrera Muñoz, emigrante galego em Lisboa e em ocasiões correspondente de publicações metropolitanas, dá a que provavelmente será a primeira notícia do Grupo do *Orpheu* fora de Portugal (cfr. Torres, 2010: 171):

Posee el idioma portugués, como el gallego, un don especial que hace que la poesía lusitana tenga un privilegio sobre la poesía de otros muchos idiomas: la melodía. ¿Habéis paseado ya por las hemosas y encantadoras florestas gallegas impregnadas de una poesía llena de atractivos? ¿Y no habéis recorrido la campiña del Miño portugués y la de Vianna do Castelo á Oporto y los paraísos de Cintra y Estoril? Pues bien; todo ello no es más que una continuación de nuestra adorada Galicia, cuyas tradiciones y psicología son idénticas á las nuestras.

Portugal cantó siempre por voz de poetas, y el más insigne de ellos, Camoens, tenía una costilla gallega.

Hoy puede decirse que la poesía se halla en crisis y por lo menos hay en la lira –como en todas las cosas– disidentes. Los clásicos, como Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Eugenio de Castro, Antonio Correia d’Oliveira, Aberto Monsaraz, Lopes Vieira, Juan María Ferreira, Teixeira de Pascoaes y pocos más de talla, forman un cuadro de brillantes poetas.

Fernando Pessoa, Mario de Sá Carneiro, Antonio Ferro, Alfredo Pedro Guisado, Cortés Rodrigues, Augusto Cunha y algunos más, forman outro grupo de jóvenes poetas de la escuela moderna, propiamente dicha, y que ha causado gran revuelo en el grupo de los Renacimiento.

Un país cuya belleza natural difícilmente puede ser superada por ningún otro, tiene que dar hombres que, dotados de luminosos cerebros, sepan cantar sus glorias. Por eso en el horizonte de la poesía lusitana vemos asomar una serie de trovadores que, triunfantes ó no en su escuela, han de reemplazar mañana á los clásicos que hoy son una gloria de la literatura de Camoens.

Podríamos referirnos á muchas de las valiosas obras de los poetas que hemos apuntado. Todos ellos han escrito obras excelentes que les han consagrado en la pléyade de los literatos de primera fila.

Entre éstos hállase también D. Juan María Ferreira, que se destaca por sus bien inspirados versos (Carrera, 1914; itálico e sublinhado nossós)<sup>[25]</sup>.

Alejo Carrera, além de identificar uma “crisis” na literatura portuguesa e de destacar vários autores, dentre os quais Teixeira de Pascoaes, significativamente identifica os membros do Grupo com a “escuela moderna” assinalando também os desencontros com a Renascença Portuguesa. Alejo Carrera, crítico literário ocasional, teria um conhecimento do acontecer literário português em primeira mão, ao passo que formava também parte do âmbito de relações do enclave galego de Lisboa no qual intervinha assiduamente Alfredo Guisado. *Vida Gallega*, no entanto, não seria o espaço apropriado para a difusão do Grupo de *Orpheu*; expressivamente, não noticia o lançamento da revista poucos meses depois<sup>[26]</sup>.

<sup>25</sup> O texto continua glosando a obra do citado “Juan María Ferreira”.

<sup>26</sup> De facto, a publicação galega já tinha dado notícia do livro de Alfredo Guisado *Distância* (1914). Em 1915, vai também resenhar o igualmente guisadiano *Elogio da Paisagem*, nestes termos:

Alejo Carrera será também o autor de outro dos ecos modernistas na Galiza. No semanário *E/Tea*, sob o título “Crónica de Lisboa. Revuelo literario. Los poetas de ‘Orpheu’”, afirma:

Hace unos días vió la publicidad una revista trimestral de literatura que tiene por título *Orpheu*. En ella colabora un grupo de poetas que dan por el nombre de *paúlicos* o sea el nombre de la novísima escuela poética que sus discípulos quieren hacer popular o célebre.

Ese grupo de jóvenes son: Mário de Sá Carneiro, Luis de Montalavôr, Ronald de Carvalho, Fernando Pessoa, José de Almada Negreiros, Côrtes Rodrigues, Alvaro de Campos, Alfredo Pedro Guisado y como editor figura Antonio Ferro.

Nosotros quisieramos conocer a fondo la poesía portuguesa para formular una opinión propia referente a la escuela sustentada por estos jóvenes literatos, que hoy son señalados por las calles como innovadores de la musa lusitana.

Innecesario se hará decir a nuestros lectores que la primera edición se está agotando, porque hoy no hay nadie que no desee leer la ya célebre revista *Orpheu*, tan raras, rarísimas, son las inspiraciones que la misma contiene.

Los llamados paúlicos han aguantado sobre ellos la implacable metralla de la prensa cotidiana lisbonense. Algunos diarios llegaron a dar la palabra al doctor Julio de Mattos, versado en enfermedades mentales.

Residente em Lisboa, Alejo Carrera, assiste pessoalmente ao ataque frontal sobre a tomada de posição do Grupo; admitindo, porém, a sua

---

Gran parte de la juventud literaria del vecino reino entró á roso y veloso por los campos del ‘futurismo’ y debe tenerse en cuenta esta influencia, la proximidad de esta nueva enfermedad literaria, para disculpar ciertos simbolismos del Sr. Guisado que obscurecen su producción, haciéndola perder esa belleza que presta la diafanidad cuando va acompañada del buen gusto, que este joven escritor posee indudablemente.

Esos ‘futuristas’ no son elegantes, ni artistas, ni poetas, ni nada. Y los escritores que tienen sensibilidad y, sobre todo, buen sentido, deben huir hasta de su sombra. Por esto no nos cansaremos de pedir al Sr. Guisado que ‘beba en su vaso’ –que es de buena medida– y nos se deje infeccionar por la disparatada moda (*Vida Gallega*, 20/05/1916).

falta de habilitação para a crítica literária delega numa das vozes já aqui convocadas, cita *A Capital*:

A Capital lleva su crítica al extremo siguiente:

"Los colaboradores de *Orpheu* nunca se rebelaron como literatos sinó en manifestaciones idénticas a las que llenan las páginas de la revista, y de ahí no es posible juzgar su valor real. Lo que se concluye de la lectura de los llamados poemas, subscriptos por Mário de Sá Carneiro, Ronald de Carvalho, Alvaro de Campos y otros, es que pertenecen a una categoría de individuos que la ciencia definió y clasificó dentro de los manicomios, mas que pueden, sin mayor peligro, andar fuera de ellos..."<sup>[27]</sup>

Como los lectores de *El Tea* observaran, los críticos literarios de este país no son para bromas. Por otra parte, los llamados paúlicos, que parece tienen la monomanía de los puntos suspensivos, no se atemorizan y continúan a outrance imponiéndose e imponiendo su atrevida escuela, aunque, como es natural, no encuentra grandes adeptos en el pueblo.

Sin embargo, ello es un buen síntoma, pues demuestra que hay cerebro y que, cada uno en sus diversos modos de pensar, tiene el buen deseo de legar a su patria una obra de grandeza, literaria (Alejo Carrera, Lisboa, 6/04/1915) (Carrera, 1915).

Sem deixar de registrar a crítica negativa a *Orpheu* no seio do campo literário português, o correspondente de *El Tea* (novamente parece notar-se a presença guisadiana<sup>[28]</sup>) fecha o artigo com uma nota positiva.

---

<sup>27</sup> Com efeito, como recolheu Nuno Júdice, *A Capital* tinha publicado o texto:

Os colaboradores do *Orpheu* nunca se revelaram como literatos senão em manifestações idênticas às que enchem as páginas da revista, e daí o não ser possível ajuizar do seu valor. O que se conclui da literatura dos chamados poemas subscriptos por Mário de Sá-Carneiro, Ronald de Carvalho, Álvaro de Campos e outros é que eles pertencem a uma categoria de indivíduos que a ciência definiu e classificou dentro dos manicómios, mas que podem sem maior perigo andar fora deles... (Júlio de Matos *apud* Júdice, 1986: 61).

<sup>28</sup> No mesmo número, *El Tea* notícia que receberam a revista, enviada por Alfredo Guisado. Este exemplar de *Orpheu* muito provavelmente é o mesmo que hoje consta do espólio do político galego Amado Garra, director de *El Tea*, hoje na Biblioteca Municipal da Câmara Municipal de Ponte-Areas.

Desde outra perspectiva, sobre o primeiro modernismo português e a Galiza, haveria ainda a possibilidade de mencionar a *presença* da Galiza no produtor mais conhecido e reconhecido do Grupo do *Orpheu* (cfr. Taibo, 2010: 299-307). No sempre ambíguo discurso pessoano (cfr. Martins, 2010: 235), é possível, com as reservas pertinentes, identificar um conhecimento mais ou menos aprofundado da realidade galega (cfr. Fontenla, 1987). Poderia ser aqui também convocada a origem galega do heterónimo Alberto Caeiro que Alfredo Guisado teria encontrado em Mondariz ou presenças galegas na biblioteca pessoana (cfr. Pizarro, 2010: 244); ou dentre o espólio pessoano, com data de 1915: a menção “*El Tea* – artigo para uma columna” e ainda os dois artigos que teria entregado ao galego Enrique Dieste “para publicar em jornaes de Hespanha” (Pessoa, 2009: 39 e 38, respectivamente). Sempre, no relativo a Fernando Pessoa e a Galiza, ao Grupo do *Orpheu* e a Galiza, a pairar a sombra de Alfredo Guisado.

57

## Um caminho (im)possível

À luz do até aqui dito e partindo de uma focagem mais analítica do que factual, não parece errado afirmar que a difusão das tomadas de posição do Grupo do *Orpheu* na Galiza, nomeadamente da revista *Orpheu*, em 1915, fosse possível, sendo, no entanto, incerta e contingente. Hipotetizando a verdadeira vinculação do manuscrito do espólio pessoano citado aos reais planos de difusão internacional do Grupo, parece evidente que o mesmo, apesar das suas fraquezas, tinha um plano para dar a conhecer a sua produção no Estado Espanhol<sup>[29]</sup>. Este plano teve resultados escassos. Segundo a informação manejada, durante o ano de 1915, a ausência de resenhas, artigos ou notícias da *Orpheu* assim o indica. Não é alheio a isto o facto de a capacidade do Grupo de dar-se a conhecer fora ser bastante limitada: no manuscrito aludido, a maioria dos nomes indicados são de Barcelona, alguns até vinculados à mesma instituição, apenas Miguel de Unamuno (intermediário inexequível dados os seus vínculos com os da Renascença

---

O PRIMEIRO  
MODERNISMO  
PORTUGUÊS  
E A/NA GALIZA  
(1915): UM CAMINHO  
(IM)POSSÍVEL

Carlos Pazos

<sup>29</sup> Contudo, outros elementos poderiam ser aqui convocados para provar a vontade explícita do Grupo, Fernando Pessoa à frente, de difundir a sua produção fora das fronteiras portuguesas (cfr. Sáez, 2000).

Portuguesa) (cfr. Sáez, 2000: 89-90), Juan Barcia e Jesús Cano, ficariam fora do âmbito catalão.

Ora, face aos fracos resultados noutros espaços, as notícias que na Galiza se publicaram à volta do Grupo e/ou da revista (ou a *presença* galega na produção pessoana) provariam a existência de um caminho possível para os modernistas além Minho; para a exportação (em menor medida para a importação) de repertórios, nomeadamente. O elemento fundamental possibilitador desta relação é, sem dúvida, Alfredo Guisado. Este, graças ao intenso contacto que mantém com grupos na Galiza (e no enclave lisboeta), preferentemente agraristas nesta altura (sem esquecermos o papel do *Balneario* de Mondariz), consegue encontrar espaços onde dar a conhecer a produção do Grupo, especialmente a dele próprio e da revista. Junto a Alfredo Guisado como intermediário necessário, parece possível ainda assinalar outro factor, não tão determinante em todo o caso, que possibilita a presença do primeiro modernismo português na Galiza: o interesse de alguns grupos e agentes galegos por Portugal, fruto da planificação galeguista. O início do artigo “Poetas Lusitanos” de Alejo Carrera (Carrera, 1914) é transparentemente expressão deste particular interesse por Portugal<sup>[30]</sup>.

Por outra parte, os artigos aqui convocados de *Vida Gallega*, *El Eco de Santiago*, *La Concordia* e *El Tea* também nos indicam que o caminho de difusão traçado pelos órficos lusos tinha entraves não menores, chegando mesmo a impossibilitar a transferência dos repertórios modernistas ao campo literário galego (cfr. Torres, 2010: 170). Vários factores, de difícil hierarquização, estão por detrás dessa impossibilidade<sup>[31]</sup>. Aparentemente, em 1915, a debilidade dos galeguistas (sem órgãos de comunicação próprios), os máximos interessados na importação portuguesa, seria um obstáculo decisivo. Ora, na prática, quando estes alcançam certa coesão e contam com instituições próprias vão sobretudo vincular-se à Renascença Portuguesa e ao saudosismo (cfr. Torres, 2008), não aos modernistas ou ao que ainda resta deles. Deste modo, os repertórios modernistas (face aos repertórios

<sup>30</sup> Haveria ainda que acrescentar a relevância, para estes efeitos, do enclave galego de Lisboa. Assim, por exemplo, a atenção que *Vida Gallega* ou *El Tea* dedicam a Portugal surge, em não poucas ocasiões, em função daquele.

<sup>31</sup> Alguns dos quais poderiam aplicar-se, em princípio, às tentativas de difusão no âmbito do sistema literário espanhol.

maioritariamente folclóricos na Galiza), assim como a marginalidade do Grupo na Lisboa republicana, não converteriam a relação com os órficos num objectivo consensual nem desejável, antes pelo contrário. Isto está especialmente presente, em maior ou menor medida, nos artigos aqui citados. Por último, o Alfredo Guisado intermediário necessário acabaria por desaparecer, pois, pouco antes da publicação de *Orpheu* 2, distancia-se do Grupo, deixando na prática de posicionar-se como membro do mesmo; assim, a guisadiana rede de relações galega (pouco adequada, de qualquer das formas) deixaria de estar ao serviço dos modernistas. Por outro lado, a acentuação das fragilidades do Grupo depois de *Orpheu* 2 (não conseguem pôr na rua a terceira entrega da revista, lembrmos) contribui significativamente para a falta de continuidade da presença órfica na Galiza.

## Bibliografia citada

59

- AGUIAR E SILVA, Vítor (1995): “A constituição da categoria periodológica de *modernismo* na literatura portuguesa” in *Diacrítica*, 10: 137-164.
- BARCIA CABALLERO, Juan (1915): “Crónica literaria. ORPHEU. – Revista trimestral de literatura. Portugal e Brazil-Lisboa” in *El Eco de Santiago*, 6/04/1915, p. 1.
- BLANCO, José (2008a): *Pessoana. Bibliografia passiva, selectiva e temática*, vol. I, Lisboa, Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_\_(2008b): *Pessoana. Índices*, vol. II, Lisboa, Assírio & Alvim.
- CABO VILLAVERDE, Miguel (1998): *O Agrarismo*, Vigo, Edicións A Nosa Terra.
- CARRERA MUÑOZ, Alejo (1914): “Poetas Lusitanos” in *Vida Gallega* 65, 20/12/1914.
- \_\_\_\_\_(1915): “Crónica de Lisboa. Revuelo literário. Los poetas de ‘Orpheu’” in *El Tea*, 63, 9/04/1915.
- CUNHA, Norberto Ferreira da (2007): *A autonomia galega na imprensa periódica portuguesa (1931-1936)*, Monção, Casa Museu de Monção / Universidade do Minho.
- FIGUEIREDO, Fidelino de (1915): *Características da Litteratura Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- \_\_\_\_\_(1923): *Características da Litteratura Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., revista, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- FRANÇA, Isabel Murteira (1987): *Fernando Pessoa na intimidade*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- FRANÇA, José-Augusto (1983): “Sondagem nos anos 20 – cultura, sociedade, cidade” in *Análise Social*, vol. XIX, (77-78-79), 3.<sup>º</sup>, 4.<sup>º</sup>, 5.<sup>º</sup>: 823-844.

O PRIMEIRO  
MODERNISMO  
PORTUGUÉS  
E A/NA GALIZA  
(1915); UM CAMINHO  
[IM]POSSÍVEL

Carlos Pazos

- FONTENLA RODRIGUES, José Luis (1987): “Pessoa e a Galiza” in *Nós. Revista galaicoportuguesa de cultura*, 7-12: 21-38.
- GUISADO, Alfredo (1921): “Jogos florais galego-portugueses” in *Diário de Lisboa*, 20/05/1921, p. 3.
- GONZÁLEZ-MILLÁN, Xoán (1995): “O discurso literario galego e a configuración dun espacio público nacional no primeiro tercio do século XX, un marco de reflexión” in Arturo Casas (coord.): *Tentativas sobre Dieste*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco, pp. 13-29.
- JÚDICE, Nuno (1986): *A era do “Orpheu”*, Lisboa, Teorema.
- LEONE, Carlos (2005): *Portugal extemporâneo. História das ideias do discurso crítico português no século XX*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 25-107.
- LOURENÇO, António Apolinário (2003): “Introdução” in Alfredo Guisado: *Tempo de Orfeu*, Coimbra, Angelus Novus, pp. XI-XLIX [ed. de António Apolinário Lourenço].
- MARTINS, Fernando Cabral (2010): “A obsessão da identidade (Pessoa e a Ibéria do século XX)” in Antonio Sáez Delgado e Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo / Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 231-237.
- MÉNDEZ FERRÍN, Xosé Luis (1990): *De Pondal a Novoneyra. Poesía galega posterior á guerra civil*, 2.<sup>a</sup> ed., Vigo, Xerais, pp. 19-84.
- MOLINA, César Antonio (1990): *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*, Madrid, Akal [Prologo de José Saramago e epílogo de Ángel Crespo].
- PAZOS JUSTO, Carlos (2010): *Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)*, Santiago de Compostela, Laiomento.
- PEREIRA, José Carlos Seabra (1983): “Tempo neo-romântico (contributo para o estudo das relações entre literatura e sociedade no primeiro quartel do século XX)” in *Análise Social*, vol. XIX, (77-78-79), 3.<sup>º</sup>, 4.<sup>º</sup>, 5.<sup>º</sup>: 845-873.
- PESSOA, Fernando (2009): *Sensacionismos e outros ismos*, vol. X, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda [ed. de Jerónimo Pizarro].
- PIZARRO, Jerónimo (2010): “Otros vestigios” in Antonio Sáez Delgado e Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo / Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 241-245.
- PORTUGAL, Boavida (1915): *Inquérito literário*, Lisboa, Livraria Clássica.

- S/A (1916): “Bibliografía regional. ‘Elogio da Paisagen’” in *Vida Gallega* 70, 20/05/1916.
- SÁEZ DELGADO, Antonio (2000): *Órficos y ultraístas. Portugal y España en el diálogo de las primeras vanguardias (1915-1925)*, Badajoz, Editora Regional de Extremadura.
- SILVA, Manuela Parreira da (2001): *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- TAIBO, Carlos (2010): *Parecia não pisar o chão. Treze ensaios sobre as vidas de Fernando Pessoa*, Santiago de Compostela, Através Editora.
- TARRIÓN, Anxo (1994): *Literatura galega. Aportacións a unha Historia crítica*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. (1999): “Cultura Portuguesa e legitimación do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)” in *Ler História*, 36: 273-318.
- \_\_\_\_\_ (2007): “Para umha cartografía da traduçom literária entre 1900 e 1930. Portugal em España” in Ángel Marcos de Dios (ed.): *Aula ibérica. Actas de los congresos de Évora y Salamanca (2006-2007)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 347-372.
- \_\_\_\_\_ (2008): “A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no nacionalismo galego” in *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em Homenagem a Dalila Pereira da Costa*, Porto, Universidade Católica Portuguesa [no prelo].
- \_\_\_\_\_ (2010): “Relacionamento literário galego-português. Legitimación e expansão com Sísifo ao fundo”, in Antonio Sáez Delgado e Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo / Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 163-185.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar (1995): “Portugal-Galicia, Galicia-Portugal. Un diálogo asimétrico” in *Colóquio / Letras*, 137/138: 5-21.
- VILAVEDRA, Dolores (coord.) (1995): *Diccionario da literatura galega I. Autores*, Vigo, Galaxia.
- \_\_\_\_\_ (coord.) (1997): *Diccionario da literatura galega II. Publicacións periódicas*, Vigo, Galaxia.
- \_\_\_\_\_ (1999): *Historia da literatura galega*, Vigo, Galaxia.
- VILLARES, Ramón (1983): “As relacóns da Galiza con Portugal na época contemporánea” in *Grial*, 81: 301-314.